

PERSPECTIVAS RECENTES PARA CURADORIA DE COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS

*Aivone Carvalho**
*Dulcília Lúcia de Oliveira Silva**
*Gedley Belchior Braga***

CARVALHO, A.; OLIVEIRA SILVA, D.L.; BRAGA, G.B. Perspectivas recentes para curadoria de coleções etnográficas. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 14: 279-289, 2004.*

RESUMO: Este artigo trata das possibilidades de diálogos multifocais entre os etnólogos, os conservadores e os povos indígenas brasileiros. Abordam-se desde a experiência de repatriação de uma pequena coleção etnográfica Bororo – que pertencia ao Museu Missionário Colle Don Bosco, na Itália – para a aldeia Meruri, até a realização de um workshop de conservação com a presença de representantes profissionais de diversas especialidades, incluindo indígenas de alguns grupos brasileiros.

UNITERMOS: Etnologia brasileira – Meruri / Bororo – Conservação de material etnográfico – Repatriamento de coleções indígenas.

Introdução

Este artigo tem como objetivo a reflexão sobre a curadoria de coleções etnográficas sob um ponto de vista múltiplo. O trabalho realizado atualmente por Aivone Carvalho no Museu Dom Bosco, em Campo Grande (MS), percorre um longo itinerário e demonstra a possibilidade de construção de uma experiência multifocal. A trajetória começa com um trabalho no Museu Missionário Etnológico Colle Don Bosco, na Itália, passa pela aldeia Bororo Meruri, com um fato histórico, precursor no país,

de repatriamento de uma coleção etnográfica e a construção de um centro cultural na própria aldeia. Em seguida, a realização de um workshop de conservação no próprio Museu Dom Bosco, em Campo Grande, inaugura a possibilidade de um intercâmbio entre etnólogo, conservador e os próprios indígenas.

Em um país carente de discussões e intercâmbios interdisciplinares como o que ocorreu em Campo Grande, este artigo procura ampliar criticamente as possibilidades de difusão das primeiras impressões e resultados de todo o processo desenvolvido.

(*) Departamento de Antropologia. Universidade Católica Dom Bosco. Museu Dom Bosco. Campo Grande, MS. Aivone Carvalho Brandão <etno@terra.com.br>; Dulcília Lucia de Oliveira Silva <dulcilia@ucdb.br>

(**) Laboratório de Conservação e Restauro. Serviço de Curadoria do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. gebraga@usp.br.

Museu Missionário Etnológico Colle Don Bosco – Itália

Consideramos o Museu Missionário Etnológico Colle Don Bosco como o ponto de partida para a primeira experiência de comunicação entre a

Didática de um museu e uma aldeia indígena. Este museu está localizado na pequena Castel Nuovo, a 40 km de Turim, na região piemontesa da Itália. Faz parte do complexo edificado junto à Basílica de Don Bosco, em um dos lugares geograficamente mais privilegiados e, historicamente mais importantes para a salesianidade, por ser o lugar onde Don Bosco, o fundador da congregação, nasceu e viveu, juntamente com sua família. Foi dedicado ao Cardeal Giovanni Cagliero, o enviado de Don Bosco para conduzir a primeira expedição missionária rumo à extremidade meridional do continente americano, Patagônia e Terra do Fogo, em 1875.

Cerca de dez mil objetos coletados pelos missionários na América, Ásia, África e Oceania compõem o acervo deste museu. A maior parte das coleções é constituída de artefatos de uso cotidiano e ritual, além de outras modalidades que suscitaram interesse nos missionários durante a sua convivência com as diversas etnias nas muitas regiões onde atuam.

Das peças ali existentes, cerca de quatro mil são provenientes das Américas. Em relação às Américas do Norte e Central, é a América do Sul que possui o maior número de objetos de diferentes modalidades. Depois de terem se estabelecido na Argentina em 1875, as missões se expandiram rápida e sucessivamente para muitos outros países, como Uruguai, Brasil, Chile, Equador, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e Venezuela. Mas é particularmente o material coletado no Brasil, entre os Bororo, Xavante, Carajá e povos do Rio Negro, que ocupa numericamente um lugar de destaque. Para se ter uma idéia, a coleção de objetos dos Bororo é a segunda maior do mundo, e a primeira fora do Brasil, com cerca de 600 peças, desde utensílios e armas até a plumária considerada uma das mais belas do mundo.

Os objetos que formam o núcleo mais antigo do acervo foram levados para a Itália, no começo do século passado, com o objetivo claro de fazer ver às pessoas a realidade do contexto geográfico, ambiental e cultural vivida pelos missionários.

Na verdade, o grande movimento de envio de objetos de repertório etnológico e naturalista para a Itália aconteceu por volta de 1925 e 1926, quando o Papa Pio XI convidou todos os missionários para uma imponente Exposição Missionária no Vaticano, com a finalidade de comemorar o Jubileu de 1925. Da mesma forma, o Rettor Maggiore, Don Filippo

Rinaldi, conclamou todos os sacerdotes, freiras e leigos em atividade nas diversas missões espalhadas pelo mundo, para que contribuíssem na coleta de objetos e tudo aquilo que pudesse retratar o trabalho missionário junto aos índios. Após a exposição vaticana de 1925, Don Filippo realizou, também, uma Mostra Comemorativa do Cinquentenário de Don Bosco inaugurada em Turim, no ano seguinte.

Pode-se imaginar a quantidade de objetos que chegaram na Itália em resposta ao apelo dessas autoridades, visto que só a congregação salesiana, possuía missões nos cinco continentes.

Realizadas as duas exposições, a de 1925 em Roma e a de 1926 em Valdocco, Turim, os objetos provenientes das missões salesianas formaram um enorme museu-depósito, em Valdocco. Intencionava-se apresentá-los em Mostras Temporárias, em diversas partes da Itália.

Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, devido aos riscos de possíveis bombardeios, os objetos foram transferidos para Colle Don Bosco e, organizou-se aí uma exposição permanente reduzida, tendo como modelo as grandes mostras missionárias. Esta exposição permaneceu sem alterações até 1984, quando um novo edifício foi construído, com o propósito de abrigar o Museu. Uma outra exposição, que comemorou o centenário de Don Bosco, inaugurou o novo espaço em 1988.

Em 2000, outras perspectivas (que começaram a ser delineadas em 1997 pela equipe que ali trabalhava¹) criam força e inauguram um novo período, em que mudanças conceituais e ideológicas aos poucos tomam forma e passam a orientar os projetos que determinarão a futura trajetória do Museu do Colle.

Assim, as culturas passaram a ser ordenadas segundo critérios estéticos e temáticos, em vez de serem organizadas quantitativamente, ou seja, reunidas de acordo com o maior número de peças coletadas. Dessa forma, as vitrines tornaram-se mais comunicativas, uma vez que textos explicativos e fotografias propiciaram aos visitantes a oportunidade de apreender a riqueza e a variedade operativa das diversas culturas ali representadas.

(1) Essa equipe era constituída pela Dra. Maria Camilla de Palma, coordenadora dos trabalhos, Dra. Silvia Forni, responsável pelo acervo da África e Aivone Carvalho, responsável pelo acervo do Brasil.

O texto visual das vitrines, correspondentes à área geográfica do Brasil, por exemplo, passou a fornecer informações mais precisas não só sobre as práticas quotidianas das esferas masculina e feminina, como também das esferas religiosa ou ritual. Na vitrine bororo, sem querer reduzir a comunicação museográfica à apresentação de qualquer técnica curiosa ou de qualquer objeto que recorde nostalgicamente alguma tradição, optou-se pela apresentação, em primeiro lugar, das técnicas relativas à tecedura de fibras vegetais e à produção de utensílios domésticos de cerâmica, (artes e ofícios exclusivamente femininos) e pelas técnicas utilizadas na caça e na pesca, (exclusivamente masculinas), para, só então, apresentar a esfera ritual voltada para os funerais.

Durante o ciclo fúnebre uma enorme quantidade de objetos são usados pelos chefes cerimoniais e participantes dos ritos, porque se enfeitam com riquíssimos adornos corporais, tocam inúmeros instrumentos musicais, fazem uso de objetos que representam os espíritos da natureza circundante, formando assim um vasto complexo comunicativo. Fotografias e textos explicativos completam a amostragem do que se compreende como um verdadeiro texto cultural. A cultura dos Bororo das missões começou assim a ser re-significada por meio da transformação dos objetos expostos em agentes comunicadores da história dessa cultura aos visitantes do museu. A partir de então pudemos perceber a capacidade de o objeto étnico funcionar como expressão do ideal estético de um povo, de individualização de uma etnia, como signo de comunicação e restituição de um saber cultural, que por razões incontáveis permanece oculto, camuflado, desconhecido, principalmente na maioria dos museus etnoantropológicos fora do Brasil.

Novas perspectivas: Meruri

Ao mesmo tempo em que este resgate era constituído na Itália, começou a surgir a idéia de se formar uma imagem especular, ou seja, a possibilidade de refletir e difundir no Brasil, junto às comunidades étnicas descendentes dos produtores originais dos objetos expostos, um trabalho que acontecia em solo europeu.

Era o momento justo de se criar um mecanismo de atuação para esses povos capaz de levá-los a redefinir sua própria cultura e, assim, resistir

melhor às pressões sociais e políticas. Esse raciocínio se formalizou na Itália, durante o trabalho de restauro das coleções para a classificação do acervo da reserva técnica e organização de uma nova exposição. Enquanto organizávamos a documentação fotográfica e científica dos objetos bororo, surgiu a idéia de duplicar as fotos para que pudessem ser trazidas ao Brasil, testando as possibilidades de um trabalho de comunicação entre o Museu do Colle e a aldeia bororo de Meruri, descendentes dos verdadeiros criadores (legítimos donos?) daqueles objetos.

Isto teve início em 1999, quando várias famílias foram visitadas em suas casas nesta ocasião, e tomaram conhecimento da experiência desenvolvida no museu italiano. Olhavam as fotografias com muita curiosidade e satisfação. Os mais velhos admirados apontavam para algum objeto na foto, repetindo: "... hum ... hum... este já não tem mais...!" Tais observações feitas por mestre Kanajó e sua esposa eram a confirmação de que o intercâmbio entre o museu italiano e a aldeia bororo de Meruri seria muito valioso. Além de valioso do ponto de vista da presença física do patrimônio cultural, é importante ressaltar, para discussões futuras, principalmente durante a realização do workshop de conservação, a própria constatação do mestre Kanajó de que um objeto produzido no passado pela sua cultura étnica já não era mais produzido naquele instante do presente. Ou seja, uma ausência de preservação física de um objeto que levou ao seu esquecimento (abandono? Falta de transmissão do conhecimento, função ou rito?) ou mesmo da técnica e capacidade de fabricá-lo (seja por razões de escassez de matérias-primas ou mesmo de alteração de práticas rituais).

No entanto, o processo comunicacional se tornou mais eficaz, quando começamos a trabalhar com os alunos da Escola Bororo existente na aldeia. Era uma das hipóteses-base do processo. O material fotográfico trazido da Itália foi inserido no esquema ensino-aprendizagem, transformando o mecanicismo em uma aprendizagem mais significativa.

Na primeira oportunidade, as fotografias dos objetos da cultura material bororo foram introduzidas na escola. Ampliadas, bem definidas e agrupadas segundo o Rito de Nominação, os alunos puderam manuseá-las, falar sobre elas, desenhá-las, descobrir seus nomes, seu uso e significação, com o auxílio da Enciclopédia Bororo



Fig. 1 – Workshop de Conservação no Museu Dom Bosco, novembro de 2003.

e do conhecimento dos anciãos. Num outro momento, com os alunos de turmas mais adiantadas, a conversa assumiu outro rumo. Falou-se sobre a história bororo, sobre sociedade, indivíduo e identidade, sempre num clima de muita descontração, em torno de uma grande mesa improvisada pela então coordenadora pedagógica da Escola, Irmã Otaviana.

Em maio de 2000, aconteceram duas semanas de muito trabalho e muita movimentação na aldeia. Já conhecedores dos objetos, os alunos produziram textos que os contextualizaram segundo o rito de nomeação, em língua portuguesa e em língua bororo. Os alunos iam e vinham à procura dos anciãos e do Padre Ochoa,² a fim de obter informações seguras a respeito dos objetos e da própria língua que, durante aqueles dias, provou ainda estar bem viva.

Todo esse movimento, envolvendo alunos missionários e professores acabou por contaminar a

comunidade, propiciando o inesperado: pais e padrinhos de duas crianças, com menos de um ano de idade, quiseram nominar seus filhos nos padrões tradicionais. Assim, os alunos viram os objetos ressurgindo para a vida pelo fio da narrativa de suas próprias histórias, em meio ao ritual de nomeação.

O ritual começou ao pôr-do-sol de um dia e só terminou ao nascer do outro: cantos clâmicos e uma recôndita alegria marcaram aqueles momentos de profunda significação, reunindo grandes e pequenos numa viagem de busca de si mesmos e da própria história, uma história contada através de objetos, quase uma sequência narrativa capaz de compor o texto ritual que os levava ao encontro com os grandes heróis do passado, lembrados e, por isto mesmo, presentificados durante aquele rito.

Nesse contato observamos no povo bororo uma ânsia por recuperar partes de sua história (cultura material) esparramadas pelo mundo afora. A criação de um centro para a valorização da cultura bororo ali na aldeia poderia, então, ser um novo ponto de partida para um trabalho mais longo e aprofundado que viesse amenizar a baixa auto-estima dos índios, provocada pelo enfraquecimento

(2) Padre Uchoa, o maior conhecedor da língua e da cultura bororo, vive em Meruri há mais de 40 anos.

da identidade cultural, fonte de muitos problemas enfrentados pelos Bororo:

“... a gente não tem conhecimento de muita coisa que foi registrada sobre nosso povo. Esse material sempre serviu para enriquecer o conhecimento dos brancos. Nós queremos conhecer melhor a nossa história. Por isso é que é importante a formação desse Centro para pesquisa de nossa cultura, aqui no Meruri e, é por isso, também, que a gente vai pedir aos pesquisadores que façam a doação de uma cópia de seus trabalhos para nós. Apesar de que é uma coisa nossa mesmo, mas a gente pede com todo o respeito.

Meu avô falou bem assim... que o lobo uiva atrás de comida antes da chegada da primavera e, que depois que ela chega ele tem que esperar para obter os frutos. Ele fica magrinho de tanto uivar atrás da chuva, atrás da primavera... meu avô disse que a flor anseia pelo orvalho e quando ela está quase murchando as pétalas o orvalho cai. Ele falou que nós somos como o lobo, como a flor.”³

Ficava, assim, evidente que o Centro era a parte fundamental do itinerário traçado para se fazer um percurso que levasse ao encontro da identidade enfraquecida. Idealizamos o projeto e as obras das instalações tiveram início. Na escola, discutia-se com os Bororo os nomes que receberiam o Centro e suas respectivas salas. Por decisão própria, optaram por dar ao Centro o nome de Padre Rodolfo,⁴ em homenagem aos 25 anos de sua morte. A sala idealizada para retratar a cultura bororo deveria, também por escolha deles, chamar-se “Sala de Expressão de Cultura”. Duas questões orientaram a escolha: uma refere-se ao fato de os índios terem descoberto que seu acervo cultural era “exposto” em museus europeus. **Isso os fez recusar o nome: “Sala de Exposição”.** A outra, diz respeito ao fato de, apesar da exclusão social e de todas as dificuldades, quererem dar ênfase à vida, dizer que estão vivos, portanto rejeitaram a denominação de **“Museu”.** **Para os Bororo, este nome assume o significado de “morte”, “clausura”, lugar onde seus objetos culturais perdem a força e morrem para que os brancos os reconheçam como vencidos.**

(3) Este depoimento foi pronunciado por Felix Rondon Adugo Enawu em maio de 2001, no Meruri.

(4) Padre Rodolfo foi assassinado por fazendeiros em defesa da demarcação da área que compreende hoje a Reserva Indígena de Meruri.

Importante tal constatação, pois ela não está longe de muitas discussões estabelecidas no meio artístico contemporâneo: o ato puro de expor como a ação de remover algo de um determinado contexto e transformar o próprio contexto de exposição como uma coisa em si. Desse modo, a associação das palavras “exposição” com “museu” poderia ser representada mais claramente como algo muito próximo a um ambiente de um velório, quando as pessoas vão contemplar o morto pela última vez, uma cerimônia de despedida. Por isso mesmo, a sala recebeu, então, o nome bastante significativo “Koge Ekureu”.⁵ Um sinal de que havia uma troca ocorrendo e não uma imposição de uma cultura sobre a outra. A biblioteca recebeu o nome de Simão Bororo, também em homenagem aos 25 anos de sua morte, juntamente com Padre Rodolfo, na chacina de 1976.

Passo a passo, com a participação dos Bororo em todas as etapas de sua construção, o Centro foi ganhando forma. O texto mais envolvente, o signo mais complexo deveria ser construído na sala Koge Ekureu. Foram dias de busca pela expressão capaz de comunicar a operatividade da cultura bororo. Nasce, afinal, a idéia de reconstruir a aldeia na forma circular original. O espaço era grande e tornava possível a representação das duas metades exogâmicas em que a nação bororo se divide. Os quatro clãs que compõem cada metade incorporam as fachadas de oito moradias de palha, que formaram uma espécie de vitrine a esperar que um olhar bororo de quaisquer dos clãs, viesse animá-la com a imagem refeita dos objetos da primazia de seu clã, modelados mentalmente pelas fotografias do acervo do museu do Colle.

As fotografias dos objetos serviram como modelo para a feitura de outros, que, depois de prontos, podem ser retirados do Centro de Cultura, por ocasião das festas e rituais, pelas pessoas a quem pertencem, por direito de primazia.

Os preparativos para a construção das pequenas moradias tiveram início. Os rapazes partiram para as proximidades do rio Garças com a tarefa exclusivamente masculina de colher folhas e brotos de babaçu. As folhas foram usadas na

(5) Koge Ekureu, nome com que padre Rodolfo foi inserido ritualmente na sociedade bororo, simboliza um novo tempo de integração e respeito, por parte dos missionários, para com a complexa cultura bororo.

cobertura e os brotos no trançado das fachadas. Ficaram durante todo o dia para cumprir a tarefa que lhes havia sido designada: um grupo escolhia e catava os brotos das palmeiras, outro grupo recolhia e outro agrupava em feixes amarrados para serem transportados até a caminhonete deixada do outro lado do rio. Amarrados os feixes, cada um pegava o seu e caminhava enfileirado até o rio. Ali, acontecia o banho, acompanhado de brincadeiras e gritos. Tudo foi registrado por imagens fotográficas inclusive pelos rapazes que começavam a manusear as câmeras.⁶

Na aldeia, as mulheres receberam as palhas e, no outro dia bem cedo, no pátio do Centro, começaram a preparação dos trançados. Segundo o costume bororo, os brotos foram sistematizados e, alternadamente, postos no sol e no sereno. À medida que iam tecendo, novamente, colocavam no sol e no sereno para que adquirissem a cor desejada. As senhoras mais velhas, que dominavam ainda a arte do trançado, pareciam orgulhosas por reunirem em torno de si outras mulheres mais jovens, alunas e professoras da Escola, na aprendizagem desta arte tão significativa para sua classe.⁷

Terminados esses trabalhos, chega a hora da participação dos anciãos. Foram chamados para demarcar o lugar onde deveriam se estabelecer os clãs. Mestre Kanajó e Colbacchini, orientando os rapazes, explicavam a posição de cada clã como se estivessem construindo uma aldeia verdadeira. Respeitavam os pontos cardeais, o sol nascente e o sol poente.

A pequena aldeia foi construída com a ajuda de todos. O trabalho deles fluía em ritmo próprio, acompanhando a vontade do corpo: se o corpo enjoava de trabalhar, o lugar era cedido a quem o quisesse ocupar e, assim, cada um fazia um pouco. Todos que chegavam, orgulhosos, queriam dar espontaneamente um pouco de sua ajuda. Mostravam-se conhecedores (ou reconhecedores!) de suas tradições e pareciam querer demonstrar a riqueza de sua cultura.

(6) As câmeras que usavam foram recebidas da Missioni Don Bosco para comporem o laboratório de imagem e som do Centro. Começávamos então, a mostrar aos Bororo que eles próprios poderiam registrar sua cultura e que o seu Centro de Cultura possuía um arquivo justamente para esta documentação.

(7) Da mesma forma que o trabalho dos rapazes, o trabalho feminino foi registrado em imagens fotográficas.

Os anciãos conferiam tudo. Mestre Kanajó apontava para cada pequena moradia, nominando cada clã e sugerindo que já se colocassem as inscrições para que a rapaziada não se esquecesse. Apesar de tantas perdas culturais, é impressionante, como ainda hoje, os anciãos se preocupam em deixar seu legado aos mais moços. Não há como não pensar nas reflexões do arqueólogo Colin Renfrew sobre os estágios do conhecimento humano (e o *Sapiens Sapiens Paradox*), ou seja, o contínuo e cada vez crescente aumento da capacidade de armazenamento externo de informações e transmissão de conhecimentos proporcionada pela cultura material e simbólica.

No centro da sala Koge Ekureu, uma vitrina octogonal,⁸ que aguardava a chegada de uma pequena coleção de objetos prometidos pelo museu do Colle, para o dia da inauguração, era símbolo do *baimanagejeu*, a casa dos homens.⁹

A vitrina, de cujo centro sai um grande mastro de madeira, apóia-se em quatro pequenas toras de aroeira. Este mastro representa o esteio que existe no meio da choupana central, casa de reunião dos homens casados, moradia dos solteiros já iniciados e local do poder religioso. Por este esteio, onde foram colocados alguns objetos sagrados para indicar uma das divisões da aldeia – a leste, governada pelo herói mítico Itubore, um *pana*, instrumento musical de sopro, insígnia do herói; a oeste, governada por Bakororo, um *ika*, também um instrumento musical de sopro, insígnia do herói –, descem os *aroe*, durante os rituais fúnebres. Num ponto bem alto, foi colocado um *pariko*, grande diadema de penas de arara, o adorno mais precioso do povo bororo, como símbolo de beleza desse povo que precisa dizer-se vivo e dono de uma cultura que ainda pode ser operante.

Com a chegada da pequena coleção de objetos ao Centro, efetiva-se o diálogo entre o Museu do Colle e a aldeia. *Aigo Boregi, Baragara Poware Mori, Bokodori Inogi, Ae, Ba, Baragara Orogun, Adugo Ika* retornam à aldeia como

(8) Os raros objetos que viriam do museu italiano não poderiam ser manuseados devido ao seu quase um século de existência e a sua importância histórica, motivo pelo qual optamos pela vitrina.

(9) A casa dos homens ocupa o espaço central da aldeia e não poderia ser reproduzida na sala Koge Ekureu devido à sua estrutura.

representantes da vontade do museu de que o povo bororo esqueça o luto e volte a se enfeitar, a ser feliz. Retornam como símbolo do desejo de maior equilíbrio e coesão social.¹⁰

De acordo com a ética bororo, todo e qualquer presente exige uma indispensável retribuição. Dessa forma, ao receberem a coleção do museu do Colle, os Bororo precisavam agradecer. Assim a família de Betinho, um dos filhos de mestre Kanajó, fez um Bokodori semelhante ao que veio da Itália. No cerimonial de inauguração do Centro Cultural acontece a troca simbólica: um representante do museu do Colle entrega à aldeia a pequena coleção repatriada e como retribuição, uma menina Bororo entrega o Bokodori da família Kanajó ao Museu italiano.

Hoje o Centro de Cultura Padre Rodolfo Lukenbein tornou-se referência de revitalização cultural para outras etnias que, depois de o visitarem no Meruri ou ouvirem comentários a respeito das atividades desenvolvidas ali, passaram a querer a construção de centros culturais em suas aldeias e quanto mais a notícia da existência do Centro se espalha, mais os Bororo se orgulham de suas obras e se sentem responsáveis por elas.

Dois Bororo, Agostinho Ebaidiw e Leonida Apiborege, cuidam do Centro diariamente e observaram que, apesar de todo o cuidado, algumas peças que saem do museu para os rituais – conforme já explicamos o museu do Meruri tem como norma permitir a saída dos objetos sob a responsabilidade de alguém do clã a que os objetos pertencem – às vezes retornam danificadas. Além disso, não há como evitar o pó e a presença de alguns insetos comuns na aldeia. Esses fatores têm preocupado muito os responsáveis pelo Centro e os levou a conversar seriamente com a etnóloga do Museu Dom Bosco de Mato Grosso do Sul e cooperadora nas atividades realizadas no Centro, Dra. Aivone Carvalho. Um momento muito importante para registro neste artigo é que a percepção dos danos e a preocupação com alguma forma de “preservação” começam com os próprios Bororo.

(10) A pequena coleção faz parte do último rito do ciclo fúnebre, o mori – que quer dizer, entre outras acepções: presente, dádiva, reparação de danos causados, agrado, mimo. Cada um desses objetos está carregado de significação específica da função ritual do mori.

“Vai chegar um dia em que não teremos como repor os objetos perdidos, pois a matéria prima nativa está cada vez mais rara” – comenta Agostinho, durante a reunião. Essa mesma constatação foi novamente levantada durante o workshop de conservação. Eles mesmos percebem a escassez de material e que, em algum momento, não vai haver como refazer determinados objetos. “O maior problema não é o domínio da técnica, isso nós temos ensinado aos nossos jovens nas oficinas realizadas no Centro, o maior problema é mesmo o material, as araras, principalmente as azuis, estão desaparecendo, assim como outros animais importantes para a feitura dos objetos, as palmeiras, então nem se fala, já andei muito com a comadre Aivone pelo Brasil afora procurando material para nós fabricarmos nossos objetos, mas vai chegar o dia que nem ela vai conseguir nos ajudar” – replicou Leonida.

Workshop

Terminada aquela conversa, de volta a Campo Grande, a professora Aivone, ao comentar o problema com a coordenadora do Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do Museu Dom Bosco, professora Dra. Emília Kashimoto, ficou sabendo que o museu havia recebido o especialista em conservação preventiva e restauro da Universidade de São Paulo, Gedley Braga, para um workshop que forneceu a estagiários e funcionários subsídios para um trabalho de revitalização do museu relacionado a um projeto financiado por *Vitae*. Imediatamente a Profa. Aivone entrou em contato com o especialista e programou um novo encontro. A intenção era reunir um grupo eclético: além do pessoal do próprio Museu Dom Bosco, representantes dos Bororo, Agostinho e Leonida de Meruri, o Rikbatsa Aristóteles e o índio Xavante, Dario. O desafio proposto para o conservador era mediar um diálogo entre as diversas possibilidades de troca de experiências entre todos os participantes.

Não há dúvidas de que ocorriam durante aquele encontro momentos de profunda reflexão e de grande importância para a história da etnologia, da museologia e da conservação em nosso país. Falar dos cuidados que se deve ter com objetos étnicos que se encontram nos museus, do valor histórico que cada coleção representa, das minuciosas técnicas de conservação e restauro era

um fato extremamente novo para os índios. No entanto, eles demonstraram uma capacidade de retenção de conteúdos e de questionamentos bem complexos. Algumas dessas discussões já foram adiantadas ao longo deste próprio texto. Embora tenham recebido uma pasta com material para escrita e leitura, preferiam ouvir e comentar em voz alta, sem se preocuparem com os demais.

O palestrante, no entanto, compreendeu rapidamente a atitude dos índios e através de uma postura informal, uma fala coloquial, conseguiu interagir satisfatoriamente com a heterogeneidade dos participantes e transferir os conhecimentos necessários para o bom desenvolvimento dos trabalhos. As aulas eram divididas em uma parte teórica e outra prática. Na parte teórica, a utilização e a exibição de exemplos de casos vivenciados ao lidar com o acervo do MAE/USP enriqueciam as possibilidades de discussões. Ao contrário do que poderíamos esperar, as aulas teóricas eram sempre pontuadas por questionamentos e oportunidades de discussão sugeridas pelos próprios participantes. A conservação, neste caso específico, evitava formular juízos de certo ou errado,

relativizando muitas questões e propondo aos próprios indígenas certas questões que os estimulassem a produzir suas próprias conclusões. A ideia de escassez de matérias-primas foi levantada por eles mesmos. Dentro desse raciocínio, eles também já não tinham mais tanta certeza se todos os objetos deveriam ser igualmente utilizados em todos os rituais. Uma hierarquização entre alguns objetos como merecedores de uma atenção especial também foi uma conclusão deles próprios. Entre algumas sugestões oferecidas por eles estava a separação entre alguns objetos que deveriam ser menos utilizados ou que deveriam ter réplicas especiais para determinadas cerimônias. Assim, em um encontro de apenas uma semana, já sentíamos como um excelente resultado a possibilidade de estabelecer tais diálogos.

A parte prática do encontro envolveu a aprendizagem de técnicas de higienização desde as mais simples até outras mais complexas, sempre considerando a diversidade dos participantes. Os índios se deram muito bem no desenvolvimento dos trabalhos práticos, pareciam sentir-se mais à vontade e, entre risos e brincadeiras, foram



Fig. 2 – *Workshop de Conservação no Museu Dom Bosco, novembro de 2003.*

expressando suas dúvidas e demonstrando seu espanto diante dos cuidados que se deve ter ao transportar objetos, da atenção exigida para se descobrir se há ou não problemas com as peças, quando se deve restaurar um objeto. Conceitos de conservação preventiva foram transmitidos com a utilização de práticas que demandavam muita habilidade, paciência e tempo de execução. Era mais fácil expor a razão de se evitar a necessidade de restaurar (e todos os cuidados preventivos) propondo exercícios que envolviam a experiência prática de “restaurar”. Desse modo, era completamente intencional a dificuldade de reconstrução de um pequeno vaso cerâmico proposadamente quebrado e com uma das partes eliminadas de modo a produzir uma lacuna a ser preenchida com gesso. Esse exercício simples permitia a discussão de questões tais como: manuseio inadequado, cuidados na embalagem e transporte, no armazenamento e exposição. O que se verifica na prática é que pessoas que são extremamente habilidosas e pacientes na execução de uma peça nova nem sempre conseguem direcionar as mesmas habilidades e paciência para a “restauração”. Era comum ouvir algumas reclamações (de bom humor) de que era muito mais fácil “fazer outro novo” do que restaurar.

Agostinho e Leonida tiveram a oportunidade de expor os problemas existentes no Centro Cultural de Meruri e a partir dos conhecimentos adquiridos chegaram à conclusão de que seria necessária a reorganização do espaço ocupado pelo Centro para que uma das salas se transforme em reserva técnica, diminuindo, assim, os riscos de sua história ficar perdida no tempo que só os objetos podem conservar. Ou seja, a consciência bastante complexa de que o conhecimento pode ser acumulado externamente e simbolicamente e deixado para gerações futuras na forma de **uma cultura material preservada**.

Assim como os Bororo, os outros participantes tentaram adaptar os conhecimentos adquiridos à sua realidade, fato bastante enfatizado pelo professor Gedley Braga, que a cada explicação deixava clara a importância da contextualização dos conhecimentos transferidos, uma vez que a ideia de preservação e conservação de objetos em um museu vivo em uma aldeia distante como o Meruri, por exemplo, é realmente um fato insólito que requer uma atenção e reflexão especiais.

Ao final do workshop, o conservador foi presenteado com duas peças Rikbaktsa

(Erikpaktsa).¹¹ Em uma sondagem inicial, a Profa. Dra. Aivone Carvalho manifestou a intenção do grupo de dar um presente ao conservador ao término do workshop. Questionado sobre o que ele faria se ganhasse objetos de plumária, o grupo foi informado que os doaria ao MAE/USP, pois não colecionava particularmente esse tipo de objeto. Durante o workshop foi mencionado um fato recente ocorrido no MAE: uma infestação de insetos cujos danos maiores prejudicaram imensamente uma peça muito importante de sua coleção – uma “Grinalda com cobre-nuca” da etnia Rikbaktsa, publicada por Sônia Ferraro Dorta no livro *A plumária indígena brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo* (Ferraro Dorta; Cury 2000: 260-261). Sensibilizados com tal ocorrência, a Profa. Dra. Aivone e o representante da etnia Rikbaktsa decidiram presentear o conservador com uma peça semelhante e um cocar, ambos da mesma etnia, sabendo de antemão que tais peças seriam posteriormente transferidas ao MAE/USP. De acordo com a Profa. Sônia Ferraro Dorta, a *Myhara* (ou *Muhara*)¹² é a peça culturalmente mais valorizada da etnia Rikbaktsa dado o seu conteúdo simbólico. Transcrevemos aqui o trecho dessa pesquisadora sobre este objeto:

Própria de rituais importantes e, em especial, guerras, até hoje orna as cabeças dos comandantes das expedições nos enfrentamentos com os invasores de suas terras. Ao que tudo indica, representa um ser perigoso, Myhara, que lhe empresta o nome. Assim, a feitura dessa grinalda é cercada de cuidados, implicando a manifestação dos poderes maléficos a ela associados; por isso, tal tarefa cabe aos homens maduros (casados, com filhos), os detentores da sabedoria das tradições. Precisa ser confeccionada num tempo certo e as sobras de suas penas terão que ser logo aproveitadas para outro enfeite, do contrário, produtor e familiares tornar-se-ão vítimas de suas forças malignas.

No entanto, de acordo com os esclarecimentos de Aristóteles, índio Rikbaktsa participante do

(11) As duas formas de grafia estão de acordo com a utilizada por Sônia Ferraro Dorta na publicação *A plumária indígena brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.

(12) De acordo com a grafia utilizada pela Profa. Dra. Aivone Carvalho na carta de doação dos objetos.

workshop, o uso atual está mais relacionado com as festas comemorativas dos períodos de estiagem ou das águas, além das situações de defesa contra quaisquer malefícios, podendo ser usada indiscriminadamente por homens e mulheres.

Na carta de doação (solicitada pelo conservador para realmente “oficializar” o fato), a Profa. Dra. Aivone Carvalho esclareceu que este tipo de objeto é confeccionado por dois clãs: o “Arara Cabeçudo” e o “Arara Amarela”. Eles podem ser distinguidos pela cor das penas na parte frontal da peça (amarela ou vermelha). A peça pertencente ao acervo do MAE (coletada por B. Loebens em 1986) é do clã “Arara Amarela” e a peça recentemente doada é do clã “Arara Cabeçudo”. Deste modo o acervo do MAE pôde ser enriquecido nessa lacuna e agora passa a possuir a representação dos dois clãs.

O outro objeto Rikbaktsa doado é um cocar ou “coroa radial”, de acordo com nomenclatura adotada pela Profa. Sônia Ferraro Dorta. A Profa. Dra. Aivone Carvalho ressalta que os cocares são peças importantes da cultura Rikbaktsa e fazem parte de todas as festas rituais.

Conclusão

Este artigo procurou demonstrar e celebrar com entusiasmo uma oportunidade ímpar de compartilhamentos interdisciplinares entre etnólogos, antropólogos, conservadores e indígenas.

Diante do encerramento com a doação das peças ao conservador (e conseqüentemente o repasse da doação ao MAE/USP), verificamos que houve realmente um sentido de retribuição típica da ética Bororo. Eles sentiram que aquela semana de troca era realmente um evento revestido de um sentido especial, tão especial quanto aquele de devolução (repatriamento) de algumas peças do Museu do Colle. Desse modo, ao receber as peças, o conservador também sentiu que havia feito alguma contribuição para todo aquele grupo heterogêneo, de alguma forma, mesmo que não fosse material, uma contribuição que colocava espontaneamente em prática a ética da retribuição indispensável para os Bororo (assumida por todo o grupo de participantes do workshop) como forma de demonstração de gratidão.

CARVALHO, A.; OLIVEIRA SILVA, D.L.; BRAGA, G.B. Recent perspectives for curatorship of ethnographic collections. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 279-289, 2004.

ABSTRACT: This article deals with the possibilities of multifocal dialogues between ethnologists, conservators and Brazilian indigenous people. It covers from the repatriation experience with a small Bororo ethnographic collection – that belonged to the Museo Missionario Colle Don Bosco, in Italy – to the Meruri village, till a workshop of conservation with the presence of all the professional people involved, including the indigenous representants.

UNITERMS: Brazilian Ethnology – Meruri / Bororo – Ethnographic material conservation – Repatriation of indigenous collections.

Referências bibliográficas

- BALZOLA, G.
1932 *Fra gli Indi del Brasile. Note autobiografiche e testimonianze raccolte da D. A. Cajazzi.*
Torino: Società Editrice Internazionale.
- BOURDIGNON ENAWREU, M.
1986 *Bororo na história do Centro Oeste Brasileiro – 1716/1986.* Campo Grande: Missões Salesianas de Mato Grosso, CIMI- MT.
- BRANDÃO, A.
2003 *O Museu na Aldeia: Transculturalismo no Diálogo entre o Museo Missionario Etnologico Colle Don Bosco e a Aldeia Bororo de Meruri.*

- Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- CAMARGO, GO. (Org.)
- 2001a *Meruri na visão de um ancião Bororo – memórias de Frederico Coqueiro*. Mato Grosso do Sul: Editora da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB.
- 2001b *Processo evolutivo da pessoa Bororo*. Mato Grosso do Sul: Editora da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB.
- COLBACCHINI, A.
- 1939 *À Luz do Cruzeiro do Sul. Os Índios Bororo-Orari do Planalto Oriental do Mato Grosso e a Missão Salesiana*. São Paulo: Impressões.
- FERRARO DORTA, S.
- 1979 *Cultura material e organização social: algumas inter-relações entre os Bororo de Mato Grosso*. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, XXVI: 235-246.
- FERRARO DORTA, S.; CURY, M.X.
- 2000 *A plumária indígena brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*. Uspiana Brasil 500 Anos. São Paulo: Edusp.
- VIERTLER, R.
- 1976 *As aldeias Bororo; Alguns Aspectos da sua Organização social*. Coleção Museu Paulista, São Paulo, Série Etnologia, v.2.

Recebido para publicação em 25 de agosto de 2004.